

ASTÚCIA, TÁTICA E POLÍTICA: REFLEXÕES EM TEMPOS DE BARBÁRIE

Carlos Roberto de Carvalho
Flávia Miller Naethe Motta¹

Resumo

Nesse texto nos apresentamos aos colegas, que, como nós, buscam compreender o mundo e as questões que ele nos traz a partir de uma perspectiva bakhtiniana. Buscamos negar, basicamente, a compreensão de que é possível viver sem amorosidade, sem responsividade, sem a assinatura em cada ato único que marca nossas existências. Os temas são muitos, como muitos são os interesses de pessoas tão diversas. Mas, a nos ligar, a pergunta: qual a minha, a tua, a nossa responsabilidade pela vida e existência de outros seres no mundo? A partir dela, vamos ao diálogo com as crianças, as mulheres negras, os professores e gestores que contam histórias e que, pela narrativa, lançam um apelo amoroso por alisar a história a contrapelo. Esse é o nosso grupo.

Palavras-chave: Responsividade, dialogismo, subalternidade, escola

Abstract

In this text we present our research group to colleagues, who, like us, seek to understand the world and its issues from a Bakhtin's perspective. We seek to deny, basically, understanding that it is possible to live without loveliness, unresponsive, without signing in every single act that marks our lives. The themes are many, as many are the interests of people as diverse. But to motivate us, the question: what is my, your, our responsibility for the life and existence of other beings in the world? From this perspective, we go to dialogue with children, black women, teachers and managers who tell stories and whose narrative, cast a loving appeal by smoothing history against the grain. This is our group.

Keywords: Responsiveness, dialogism, subalternity, school

1 Pesquisadores do Grupo de Estudos e pesquisa sobre linguagem e diferenças - GEPELID do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da UFRRJ. E-mails: carlosbeto.carvalho@gmail.com e flaviamnmotta@gmail.com

Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.

Manoel de Barros

Poesia, Manoel de Barros, barro, ciência, arte, responsabilidade, Bakhtin Bhabha, Benjamin, filosofia do encontro, conversas com Mailsa, Rita, Marisol, Marília. Mulheres Negras da Baixada Fluminense: Neuza e Fernanda, duas Intelectuais. “Pode o subalterno falar?” Pergunta Spivak. *Entre Cruz, Entre Souza, Entre Versos* Sandro faz Uma reflexão sobre o legado autoral de Cruz e Souza a partir de uma condição negra e branca, enquanto Nolasco procura e remexe nos escondidos da memória pessoal, profissional e coletiva *Uma Escola de Cuspe e Giz: memórias de educação, narrativas de professores*. Qualidade da educação narrada por seus sujeitos protagonistas: serventes, merendeiras, alunos, pais, professores e gente da comunidade em geral, porque avaliar é preciso, mas viver, não é tão preciso assim. Priscilla, inspirada nas canções da MPB, traz para a cena da pesquisa o drama das mães de meninos negros, das mães de pequenos guris e adolescentes cotidianamente interditados pela polícia. Diante deste perigo eminente, diante deste programa preventivo de revistas policiais e seletivas, entre balas de fuzis que matam crianças negras todos os dias, Ana Clara, a partir de sua sala de aula, berço e o túmulo da infância, pergunta: “como as crianças usam, abusam se utilizam das palavras, inventam novos objetos linguísticos, novos discursos?”. Questões essas que, por outro lado, também fazem Juliana encrespar o cabelo e transitar entre o texto científico e o literário; entre o romance e a poesia. Romance sobre cabelos, cabelos de mulheres negras para arrepiar os fios de cabelos de outras mulheres. Todos eles textos para serem lidos e relidos principalmente por elas, mulheres negras ou brancas. O fato é que para ela, e não só para ela, a palavra se dirige, porque o outro - diz-nos Bakhtin - é o sentido da palavra, o seu inexorável destino.

Enquanto isso... Em tempos de barbárie (aquela já denunciada por Benjamin decorrente da aniquilação da experiência e da narrativa), cadáveres de crianças sírias boiam em praias da Turquia nos anunciando que finalmente chegamos ao fundo do poço, ao esgotar da diplomacia internacional, ao cinismo do mau-caratismo global e total. Finalmente atingimos o ponto mais alto de nosso cinismo. Chegamos ao ponto

que Camus (1963, p. 27) já havia nos alertado, lembrando-nos que o tesouro público é o centro de nossas preocupações, a vida humana não o é.

O fato é que depois da morte de uma criança (morte que representa a morte dos valores vitais e morais) temos que encontrar um novo sentido para a nossa história. História que, até aqui, tem sido de horror. História que sempre tem terminado assim: meninos indefesos boiando nas praias, furados de bala, atropelados nas calçadas, violentados pelos adultos, pelo dinheiro, pelo lucro, pela fome, pelo sexo, pelas drogas e etc..

Chega!

Não dá mais para fingir que não estamos vendo o sofrimento alheio, o aviltamento dos inocentes, os condenados da terra.

Basta!

Não dá mais para viver fingindo como se o outro não existisse, como se o mundo não fosse de nossa inteira responsabilidade. Como não ver nesse menino, caído na praia, outros milhares de meninos esfaqueados pelas guerras, pelas economias, pelos conflitos religiosos em todas as partes do mundo? Como não ver nas crianças refugiadas, morrendo de fome na África, na Ásia e na América Latina, a nossa própria miséria e impiedade para com os nossos semelhantes? Como não ouvir o choro de tantos pais, de tantas mães, de tantos meninos?

Diante deste absurdo que é indiferença e a violência contra a infância, contra o futuro e presente de cada criança, Rita e Flávia (2013, p. 188) afirmam: “o subalterno agora é a criança” e por isso nos convidam a fazer uma reflexão a partir do ponto de vista delas, o ponto de vista das vítimas, mas não sem esperanças. Ao contrário, segundo elas, é a cultura heteróclita e estrangeira das crianças que acabará por adular e rasurar as certezas e os velhos olhares e traçar novos rumos para a história do mundo. Por outras palavras, Rita e Flávia reiteram as palavras de Guimarães Rosa: “a criança é o pai do homem”, o Pai da humanidade e, que, portanto, sem elas não há garantia de futuro algum. Rita e Flávia estão conscientes que, só muda o mundo, se mudarmos o modo pelo qual vimos tratando as crianças; se voltarmos o nosso olhar de adultos (portanto olhar responsável e responsivo) para o olhar de cada criança e ouvirmos o que elas querem e têm a nos mostrar e a nos dizer. E o que as crianças, querem dizer? Crianças só querem nos dizer uma única e só coisa: crianças querem ser felizes! Querem carinho e amor. Querem delicadeza, brinquedo abraço e pracinha. Simples assim.

Crianças querem ser acolhidas; crianças querem ser amadas, querem ser respeitadas. Amor, respeito e carinho *com e para com* as crianças é o que não falta nos variados caminhos de pesquisas de Andrea, Flavinha, Gê, Gi, Ilka, Iolanda, Isabele e Sirlene. Sem exceção, na escrita de todas elas, havemos de encontrar atos de amorosidade, de responsabilidade para com as crianças.

Pesquisas que se entrelaçam e se imbricam uma nas outras, assim: enquanto Sirlene nos escreveu sobre o acolhimento das crianças pequenas na creche, ou de como os adultos se preparavam para recebê-las, Andréa se perguntava o quê acontecia com as elas depois que saíam da educação infantil. No mesmo sentido, Gê nos escreve sobre a mesma coisa, desta feita em outra perspectiva. Ela quer saber como está se dando o processo de transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental pela perspectiva dos Coordenadores Pedagógicos. Nessa mesma linha Gi, também encaminha seu trabalho, junto aos Orientadores Pedagógicos. Seu trabalho de pesquisa consiste em ouvir histórias a respeito da vida das crianças nas creches públicas. Se Gi quer ouvir histórias sobre e a respeito das crianças, Ilka quer compreender, no campo do currículo, como se dão as propostas de uma educação antirracista. Estuda o Currículo como manifestação de intenções (FRANGELLA, 2007), que se estabelece no embate político, nas negociações possíveis, em vitórias parciais que vão sendo conquistadas no processo. E por falar em currículo, Iolanda, em sua dissertação já defendida, conta-nos a história da Escola de Educação Infantil da UFRJ, fazendo um passeio no tempo pela fala das gestoras. Estudo esse que está sendo enriquecido (incompletado) pela pesquisa de Flavinha. Flavinha preocupa-se com os impactos de certa resolução que alterou a vida de uma porção de gente da escola de educação infantil onde ela e Iolanda trabalham. Curiosa e responsável como ela só, Flavinha quer conversa com as crianças, os pais e os professores sobre a tal resolução. Resolução que, segundo ela, veio bagunçar a cabeça de todo mundo. Por fim, Isabele em sua pesquisa, também já defendida, reencontra as narrativas e escritas de professoras formadas em serviço pelo PROINFANTIL. Professoras que reivindicam seu protagonismo docente.

Nesse caleidoscópio de imagens fragmentadas, busca-se construir uma compreensão que contemple o que esses atores vivem a partir da *universalização* do acesso à escola.

E assim, nesse mar de casos, acasos e caos vamos costurando nossos textos, nossos discursos, nossos saberes e não saberes, nossos sentidos e contrassentidos: estética da criação verbal, filosofia para um ato responsável, Rabelais, romances de

Dostoievski, Tezza, Poesia de Otavio Paz, Peles Negras máscaras Brancas (FANON), Benjamin, Certeau, Boaventura, Mia Couto, capas de revista Veja dizendo verdades, pregando mentiras, dizendo mentiras, pregando verdades, coisas boas, más, feias, ruins. Mostrando a cara, abundam suas ideologias. E nosso coração (assustado) pergunta: mundo, mundo, vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo seria uma rima e não uma solução. Avisa-nos o poeta.

Qual a solução? Bakhtin também não responde, ele não é besta nem bobo, todavia ajuda: olhe para o outro, ouça o outro, compartilhe com o outro. Deixe-se penetrar pelo olhar do outro que lança um apelo amoroso: escovar a história a contrapelo, responder responsável e responsivamente à questão que te lança o mundo: qual a minha, a tua, a nossa responsabilidade pela vida e existência de outros seres no mundo?

Esta tem sido, dentre outras questões, o mantra de nossas pesquisas, a razão e o sentido de todos os nossos encontros. Qual tem sido a minha (a nossa) responsabilidade para com o mundo, para com os outros, para com as crianças que chegam todos os dias em nossa terra em nosso mundo. Por que, para quê e para quem pesquisamos? Para quem escrevemos nossos textos, dirigimos nossas palavras? Como nos situamos diante da encruzilhada entre ciência, arte e vida? Como responder à foto fatal de uma criança morta, deitada, dormindo morta, frente um praia tão linda que nunca mais meus olhos poderão fixar com tranquilidade? Como escrever a partir do cronotopos do nascimento e da morte prematura de uma criança, de milhares de crianças? Como escrever a partir do cronotopos do desamor, sobre o amor, sobre a amorosidade? Como escrever neste tempo de depuração, tempo que Drummond nos revela e nos descreve sensível e terrível retrato. Tempo que ele nos avisou, mas que nós, infelizmente, não temos conseguido evitar.

Ouvir Drummond para lembrar o tempo em que chegamos, mas tempo que não queremos. Diz-nos ele: “Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de absoluta depuração”. E esse tempo chegou. Como escrever nesse tempo sem Deus e que por causa disso, Dostoievski, e depois Nietzsche, reinteirou: “Se Deus não existe, tudo é possível”. Como encaminhar nossos escritos frente a um mundo em que os valores mais altos estão sendo dilacerados, despedaçados e tudo é possível? Como falar da infância frente ao cadáver insepulto de uma criança? Como escrever sobre a liberdade, a fraternidade e a igualdade diante de meninos negros que, pelo simples fato de serem negros, são vistos, antecipadamente, como suspeitos, ladrões e assassinos? Como falar do amor diante de massa interessada de gente que só pensa em ganhar dinheiro e pouco

se importa com o outro? Como falar a essa massa de homens que desacreditados no amor - “Porque o amor resultou inútil” - não choram mais enquanto suas “mãos tecem apenas o rude trabalho” e trazem coração seco.? Como escrever nossas vozes num mundo que se desertificou? Como escrever em um tempo que cada um de nós, pequeno atlas, carrega e suporta sozinho todas as dores, qual bicho no escuro?

É daí, deste fundo escuro onde nossos olhos se assustam com tudo veem, sentem e pressentem, que temos caminhado em nossas pesquisas convidando e lembrando a todos, que caminham junto com a gente, que outro mundo é possível; que apesar de vivermos em tempos tão duros e absurdos, esse mundo nos chega todos os dias, com o nascimento de cada criança. Porque, como nos diz Hannah Arendt (2011), dizemos nós aqui por nossas palavras: com cada criança que nasce, nasce com ela a possibilidade de um novo mundo. O contrário também será verdadeiro: em cada criança que morrer, morre com ela a nossa chance de um novo mundo, uma resposta única e insubstituível. Por isso, e por causa disso, nosso grupo tem se voltado para elas. Estudar para captar nesse olhar, o horror e a poesia do mundo. Olhar para o olhar das crianças.

Sempre fomos encantados com as possibilidades que a linguagem traz. Ela é o barro do qual se fez a humanidade dos homens. Sem ela, o nada. Não o nada do poeta que abre as portas para a entrada da poesia, mas o nada do real em toda sua concretude, para o qual não fomos equipados, o qual não suportaríamos.

O grupo de pesquisas e estudos sobre linguagem e diferenças - GEPELID nasceu de um encontro inusitado, como houvera de ser todos os encontros verdadeiros. Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Carlos Roberto de Carvalho (Beto) e Flávia Miller Naethe Motta, que ora vos escrevem, embora de linhas de pesquisa distintas descobriram-se parceiros de perguntas, questões, jeitos de ser e de orientar seus mestrados. Descobriram que se encontravam na proposta de amorosidade ao Outro que decorre das leituras de Bakhtin.

Ele, à época, pertencente a linha de pesquisa *Educação e Diversidades Étnico-Raciais* e ela, à *Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas*. O primeiro encontro se deu a partir da proposta de uma disciplina ministrada em conjunto, chamada *Bakhtin e seus outros*, cujo objetivo era abordar diálogos entre as perspectivas Bakhtinianas

e ideias contemporâneas em busca de elementos para a produção de pensamento e pesquisa em Ciência Humanas.

O curso revelou uma demanda dos estudantes por aprofundar temáticas bakhtinianas, especialmente enquanto arsenal para a construção de uma forma outra de fazer pesquisa em Ciências Humanas. Dessa demanda, nasceu a segunda disciplina: *Amorosidade e Pesquisa*, onde a proposta foi ler, com os estudantes, o livro *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010) e articular a pesquisa de cada um como evento único, irrepetível, responsável e responsivo. Os textos produzidos ao final do curso mostraram uma apreensão de conceitos. Os textos produzidos ao final do curso mostraram uma apreensão de conceitos e uma compreensão de pesquisa alinhada com a temática bakhtiniana. Vários desses textos estiveram presentes no III EEBA.

Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para poesia / O homem que possui um pente e uma árvore serve para poesia / Terreno de 10 x 20, sujo de mato — os que nele gorjeiam: detritos semoventes, latas servem para poesia / Um chevrolé gosmento Coleção de besouros abstêmios O bule de Braque sem boca são bons para poesia / As coisas que não levam a nada têm grande importância / Cada coisa ordinária é um elemento de estima.

Do encontro nasceu o desejo de estudar questões de raça e linguagem. Fanon (2008) foi um interlocutor precioso nesse desejo. Coisas de negros, coisas de brancos, coisas de crianças, coisas de dizer e de significar, tudo isso misturado na leitura de pessoas novas, pessoas velhas, doutores, mestres, graduandos, todos misturados com suas histórias e seus dizeres. Juntos.

Cada coisa sem préstimo tem seu lugar na poesia ou na geral/ O que se encontra em ninho de João-Ferreira: caco de vidro, grampos, retratos de formatura, servem demais para poesia

Da vontade de entender as formas de se relacionar, Bhabha apareceu como uma possibilidade de compreender se o entre-lugar pode ser relacionado à cronotopia ou à exotopia. Tempos, espaços, lugares, pessoas em relações dialógicas ou coloniais. *O local da cultura* (BHABHA, 1998) antecipa a promessa de buscar tais compreensões.

As coisas que não pretendem, como por exemplo: pedras que cheiram água, homens que atravessam períodos de árvore, se prestam para poesia / Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado como, por exemplo, o coração verde dos pássaros, serve para poesia

A linguagem, no entanto, é nosso mote. Se ela nos humaniza, nos identifica a uma cultura, faz com que olhemos para o outro como outridade/diferença. Quem é o nosso outro? O negro, a mulher, o gay, a criança? Todos que por intermédio da linguagem podem ser subalternizados, mas que por ela podem se redimir.

As coisas que os líquenes comem — sapatos, adjetivos — têm muita importância para os pulmões da poesia / Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima, serve para poesia / Os loucos de água e estandarte servem demais / O traste é ótimo / O pobre-diabo é colosso / Tudo que explique o alicate cremoso e o lodo das estrelas serve demais da conta

O grupo foi se expandindo, novas pessoas, novos encontros, novas conversas, velhos amores. A amorosidade pela pessoa, pela gente, pela conversa, pelo texto difícil, que muitas vezes nos assusta e nos paralisa, nas outras nos leva avante, desenrolando ideias que puxam novas ideias e novas e novas...

Pessoas desimportantes dão pra poesia qualquer pessoa ou escada / Tudo que explique a lagartixa da esteira e a laminação de sabiás é muito importante para a poesia O que é bom para o lixo é bom para a poesia/ Importante sobremaneira é a palavra repositório; a palavra repositório eu conheço bem: tem muitas repercussões como um algibe entupido de silêncio / sabe a destroços

Segundo Bakhtin (2010), somos responsáveis por tudo que fazemos ou deixamos de fazer. Somos também responsivos, pois estamos sempre respondendo a algo ou alguém. Somos responsáveis e responsivos, não de um lugar abstrato, mas do lugar único e insubstituível que ocupamos no mundo. Mundo que compartilhamos com outros igualmente únicos, insubstituíveis e responsáveis. Não há álibi para o nosso existir, não há desculpas, estamos sempre, quer queiramos ou não, comprometidos com o mundo. Portanto, o mundo é sim de nossa inteira responsabilidade e ninguém pode fazer por

nós aquilo que só a nós cabe fazê-lo. O grupo, o encontro, as pessoas, a pesquisa é nosso jeito de dizer do lugar único que ocupamos nossa resposta, nossa responsabilidade, nosso não álibi.

As coisas jogadas fora têm grande importância — como um homem jogado fora / Aliás é também objeto de poesia saber qual o período médio que um homem jogado fora pode permanecer na terra sem nascerem em sua boca as raízes da escória / As coisas sem importância são bens de poesia/ Pois é assim que um chevrolé gosmento chega ao poema, e as andorinhas de junho.

A pesquisa com crianças é uma resposta ao infanticídio, uma resposta à indiferença que marca crianças brancas e negras como pessoas desiguais, reproduzindo, reproduzindo, reproduzindo as distâncias que segregam isolam e machucam. Qualquer pessoa, diz-nos Hannah Arendt (2011, p. 239) “que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação”. Uma frase por demais dura, mas necessária quando se trata da responsabilidade de educar - e educar com responsabilidade para responsabilidade com o conhecimento do mundo e das gentes com as quais se encontrarão.

Muita coisa se poderia fazer em favor da poesia: a. Esfregar pedras na paisagem. b. Perder a inteligência das coisas para vê-las. (*Colhida em Rimbaud*) / c. Esconder-se por trás das palavras para mostrar-se. / d. Mesmo sem fome, comer as botas. O resto em Carlitos. / e. Perguntar distraído: — *O que há de você na água?*

Fazemos pesquisa na escola. A escola é um território de lutas, de relações de forças. É um espaço-tempo histórico e, como tal, pode ser feita e refeita cotidianamente pelos sujeitos que nela trabalham/estudam/pesquisam, representando seus muitos papéis: professor, pesquisador, aluno, gestor, coordenador, pais, mães, serventes, avaliadores, comunidade em geral.

Definimos “papel” como o conjunto de expectativas (discursos, práticas, intenções) que mantemos em relação a um sujeito que se vincula a uma determinada posição no interior das relações sociais, políticas, econômicas, culturais. Papel é aquilo que se espera que alguém faça, represente, em sua posição de ator social em uma determinada instituição social.

f. Não usar colarinho duro. A fala de furnas brenhentas de Mário-pegasapo era nua. Por isso as crianças e as putas do jardim o entendiam. / g. Nos versos mais transparentes enfiar pregos sujos, teréns de rua e de música, cisco de olho, moscas de pensão... / h. Aprender a capinar com enxada cega. / i. Nos dias de lazer, compor um muro podre para os caramujos.

Pelo que acabamos de afirmar, podemos dizer que a posição, o “lugar” que cada um de nós ocupa numa determinada estrutura sociopolítica, é que lhe dá o caráter, que lhe faz ser e agir desta ou daquela forma. O lugar é que nos dá forma, nos conforma ou nos deforma. O lugar é que nos identifica, que nos dá — para falar numa linguagem teatral — o script, o mapa de nossas ações, do exercício de nossos papéis, múltiplos papéis. Ocupamos um lugar em conjunto, os *encontradores* de conversas com os outros, os que pesquisam o que dizem aqueles que querem conosco falar. Os que reconhecem no outro um real centro de valor (PONZIO, 2011).

Como os artistas, os atores sociais não se movimentam/agem num palco vazio, existe um cenário que os emoldura. Existem os outros atores que encarnam as personagens com as quais interagem. Existem um texto, um diretor, um público. Principalmente um público que nos assiste/resiste, que nos julga, que nos critica, que nos aplaude ou que nos vaia.

j. Deixar os substantivos passarem anos no esterco, deitados de barriga, até que eles possam carrear para o poema um gosto de chão — como cabelos desfeitos no chão — ou como o bule de Braque — áspero de ferrugem, mistura de azuis e ouro — um amarelo grosso de ouro da terra, carvão de folhas. /l. .Jogar pedrinhas nim moscas...

A escola pode, assim, ser vista, como um lugar espetacular onde se representam, todos os dias, os dramas humanos. Tudo que havemos de ver no teatro havemos de ver também na escola, mas desta feita, não mais como imitação da vida. Nela o que se representa é a própria vida. Nela se morre de verdade; se passa fome de verdade, se ri e se chora sem fingir a dor que a gente sente. A dor ou alegria que lá se sente é real. É vida real. Não é fantasia nem imitação. Não se vive no truque: se vive ou não se vive. A vida é drama.

Então — os meninos descobriram que amor
Que amor com amor
Que um homem riachoso escutava os sapos
E o vento abria o lodo dos

pássaros. / Um garoto emendava uma casa na outra com urina
Outros sabiam a chuvas. E os cupins Comiam pernas de armário,
amplificadores, ligas religiosas...

O grande ator Vittorio Gassman nos ajuda a compreender a diferença entre viver um papel no palco e um papel na vida cotidiana. Segundo ele, no teatro ou no cinema, podemos ensaiar vários meses, repetir a cena, ao passo que na vida não existe essa possibilidade do ensaio e nem do retorno. Para ele, a vida de cada homem só se vive uma vez, não há possibilidade de se voltar atrás, não existe replay, nem ressurreição. Talvez por isso Guimarães Rosa escreveu para lembrar que “viver é perigoso” e que tudo que fazemos traz consequências de caráter, muitas vezes, irreversíveis. Basta uma palavra mal colocada, um gesto malfeito, para pôr em perigo todo o conjunto da obra, e comprometer, assim, o espetáculo da vida, aborrecer o público e provocar a ira dos críticos. Mais que isto, um erro, por menor que seja ele, pode colocar em risco a própria vida. Seja a vida de um homem ou de uma coletividade de homens.

Atrás de um banheiro de tábuas a poesia / Tirava as calcinhas pra eles
/ Ficavam de um pé só para as palavras — A boca apodrecendo para a
vida! De tarde / Desenterraram de dentro do capinzal / Um braço do
rio. Já estava com cheiro. Grilos atarraxados no brejo pediam socorro. /
De toalha no pescoço e anzol no peixe / Eles foram andando... / Botavam
meias-solas nas paisagens / E acendiam estrelas com lenha molhada.

Por isso aconselham-nos muitos autores que trabalham e refletem sobre a ética que, ao agirmos, temos sempre que pensar mais pelas consequências do que pelas causas de nossas ações. Temos que estar conscientes que o homem não é um recurso renovável: é membro de uma espécie, mas é único; Que os homens não são substituíveis. Que cada homem representa a si mesmo. Cada homem é diferente dos outros homens. Ser diferente, nos avisa Hannah Arendt, não equivale a ser outro, mas sim, singular, um ser capaz de exprimir, entre seus iguais a sua diferença, de comunicar a si próprio, de distinguir-se perante aos demais homens, homem nenhum é cópia de outro homem.

Acharam no roseiral um boi aberto por borboletas Foi bom. /Viram
casos de ostras em canetas / E ajudaram as aves na arrumação dos
corgos / A todo momento eles davam com a rã nas calças / Cada um
com a sua escova E seu lado de dentro. Apreciavam Desamarrar os
cachorros com língua.

Daí a importância — já que a vida é risco contínuo para cada homem — da pesquisa em ciências humanas. É ela que nos dá/dará a oportunidade de compreender, escrever, as questões que a vida sempre nos desafia a enfrentar na incerteza de nossos atos. Ela nos permitirá prever/ projetar algumas de nossas ações de acordo com os desejos, habilidades, capacidades e competências de cada ator, de cada homem singular que em torno dele se reúne.

À margem das estradas/ Secavam palavras no sol como os lagartos
/ Passavam brilhantina nos bezerros. / E Transportavam lábios de
caminhão... /Nunca poucos fizeram tantos de pinico! Só iam para casa
de lado — como uma pessoa /Que tem cobra no bolso.

Ah! É bom lembrar que, neste espetáculo, o público também atua e dirige as nossas ações. É do diálogo que travamos com o público-ator que construímos o nosso texto, os nossos escritos, os nossos dramas. A obra só pode ser completada, dizem os bons dramaturgos, com o espectador-ator, é ele que lhe dá o acabamento, o sentido. O momento em que a obra entra em contato com o público é um novo momento de reflexão, de reinscrição e de atualização da obra de arte. O público reinscreve a obra nas tramas das relações sociais

E para cada mão — os cinco dedos de palha.

Tal metodologia significa considerar, na escrita da pesquisa, aquilo que nos ensina Bakhtin sobre a origem dos discursos, dos atos de fala. Para ele, a palavra deve sempre circular livre entre os homens e não pode ser propriedade de nenhum homem em particular, a palavra não pode ser tomada. Para ele, ainda, as palavras não nascem no interior de um único sujeito, mas nas tramas das relações sociais e é a este contexto social concreto que elas sempre se dirigem.

Nas palavras, enquanto elemento de ligação/comunicação/expressão, podemos encontrar os indícios, os anúncios das mudanças ou da conservação. Bakhtin nos ensina a ver que as palavras encarnam desejos, encarnam políticas. Encarnam verdades e mentiras. São signos ideológicos por natureza, pelos quais os homens, ao agir, revelam-se aos outros homens e se auto-revelam.

A pesquisa é, pois, fruto de uma criação coletiva porque escrita por várias mãos, várias ideias, Várias vozes. É um texto construído *no* e *pelo* diálogo.

Diálogo que não pressupõe apenas a utopia romântica da harmonia, do convívio pacífico entre os homens, mas, antes, pressupõe o conflito, o dissenso, o confronto das diferenças, até que se chegue, ao consenso, consenso sempre tenso e dialético, em movimento. Movimento que não termina nunca porque tudo flui. Sendo ações construídas nos abertos da vida, podemos determinar o seu início, mas nunca o seu desfecho. O desfecho, como mais uma vez nos ensina Arendt, não é previsível. Segundo ela, podemos dar início a alguma coisa nova, fazer com que ela venha ao mundo pela primeira vez, mas nunca medir com certeza que essa coisa siga o trajeto de nossas previsões. Em se tratando de coisas feitas pelos homens e para os homens tudo é possível de vir a acontecer. É por isso que ela nos afirma “que o novo sempre surge sob o disfarce de um milagre.”

Arendt, com sua fé na novidade que cada homem traz ao nascer, nos faz compreender que a vida é imprevista, sempre nos surpreende. Que a vida, diferente do bom de teatro que busca controlar as ações dos atores, para que eles repitam amanhã o que foi feito hoje, é sem controle. A vida acontece, nos acontece. Viver não é preciso.

É para minimizar o imprevisto da vida que a produção de textos em ciências humanas passa ser vista como coisa bem-vinda, como instrumento útil de intervenção política, na medida que o que se quer é transformar a realidade.

Para concluir gostaríamos ainda de ressaltar, nos servindo ainda da metáfora do teatro, que a peça que escrevermos e iremos representar não pode ser qualquer peça. Tem que ser peça bem escolhida, bem construída, bem escrita e refletida. E precisamos também escolher o nosso público, a nossa companhia e quais os nossos patrocinadores, porque quem paga sempre quer mandar. Precisamos ainda saber se iremos representar um drama verdadeiro ou uma farsa como muitos a desejam.

São essas escolhas que nos farão decidir de qual lado iremos ficar. Em que teatro iremos representar: se na rua ou nos palácios? São essas escolhas que também decidirão qual o gênero: se uma peça erudita ou popular. Se uma peça que ressalta a vida dos reis, rainhas e dos grandes generais ou outra que denuncie a vida do povo sofrido, sem-teto, sem-terra, sem-comida, sem liberdade; sem destino, sem futuro, sem dignidade. Se iremos representar a vida daqueles que já se encontram satisfeitos ou se dos homens oprimidos, e que se encontram em estado de extrema necessidade, reduzido a condição de quase “coisa”?

Sem querermos ser prescritivos, mas já sendo, pensamos que, por questão de justiça, o melhor texto de pesquisa seria aquele que pudesse levar em conta a vida desses últimos, e últimos em todos os sentidos. Será com eles que devemos traçar alianças e compromissos.

E este será, senão o primeiro, o único papel que devemos representar, o de companheiros solidários com os oprimidos. Sabendo, pois, que todos homens têm a ver com a vida de todos os homens e, nós, mais do que todos.

Que a escola seja, então, o lugar da prática e também o lugar em que se teoriza a liberdade. Que seja o palco em que sempre se represente o drama dos oprimidos, para que eles possam, ao emergir de suas consciências, libertarem-se. Mas, se caso haja algum ensaio, que este ensaio seja sempre o ensaio do futuro, mas nunca ao arrepio da realidade. Não nos afastemos dela se queremos transformá-la, transcendê-la. Sejam utópicos e nunca ingênuos.

Lembremos-nos das palavras de Brecht: “uma linguagem sem malícia, é sinal de estupidez. Uma testa sem rugas, sinal de indiferença.”² Não sejamos nem um nem outro, mas outros: astutos, táticos. Políticos.

Referências

ARENDT, H. “A Crise na Educação”. IN: **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo. Ed. Perspectiva. 2011.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto. São Carlos: Pedro & João Editores. 2010.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, W. “Experiência e Pobreza”. In: _____. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. Tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa [et al.]. São Paulo: Cultrix, 1986. p.195-198.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Bela Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CAMUS, A. **Calígula**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador : EDUFBA, 2008.

FRANGELLA, R. C. P. “Disputas Curriculares, disputas identitárias - o processo político da produção curricular num curso de formação de professores”. In: **30a. Reunião Anual da ANPEd**, 2007, Caxambu. Anped: 30 anos de Pesquisa e Compromisso Social. Rio de Janeiro: ANPEd, 2007.

MOTTA, F. M. N. ; FRANGELLA, R. C. P. “Descolonizando a pesquisa com a criança: uma leitura pós-colonial de pesquisa”. **Revista FAEEBA**, v. 22, p. 187-197, 2013.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2011.

2 Trecho do poema “Aos que virão depois de nós” de Bertold Brecht.